

[ANDREA DORIA: MISSÃO CUMPRIDA]

Deco Stop

PARA QUEM GOSTA DE MERGULHO

REVISTA TRIMESTRAL | ANO 13 | Nº49 | OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2016 | R\$ 18,00

SUPER DESTINOS PARA 2017

CENOTE CARACOL
ILHA DE COCOS
COZUMEL
HAWAII
MALTA E
NAUFRÁGIOS DO
NORDESTE

EDIÇÃO COMEMORATIVA

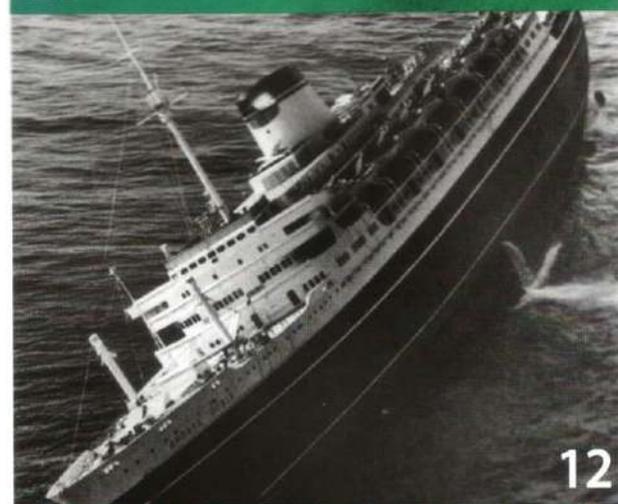
14 ANOS DE DECO STOP

índice

- 10 SAÍDA FOTOGRÁFICA DA ABISUB
- 11 ROBERT SCHMITTNER NA MAR A MAR
- 12 60º ANIVERSÁRIO DO NAUFRÁGIO ANDREA DORIA
- 18 MALTA - A JÓIA DO MEDITERRÂNEO
- 24 ILHA DE COCOS
- 30 GENTE QUE MERGULHA : PEDRO PAULO CUNHA
- 32 GENTE QUE MERGULHA : RENATA LINGER
- 34 COZUMEL
- 40 CENOTE CARACOL
- 42 HAWAII COM MERGULHO
- 48 EXPEDIÇÃO NORDESTE
- 52 MERGULHADOR DE SEGURANÇA PÚBLICA - NÃO É PARA QUALQUER UM!



20



12



24

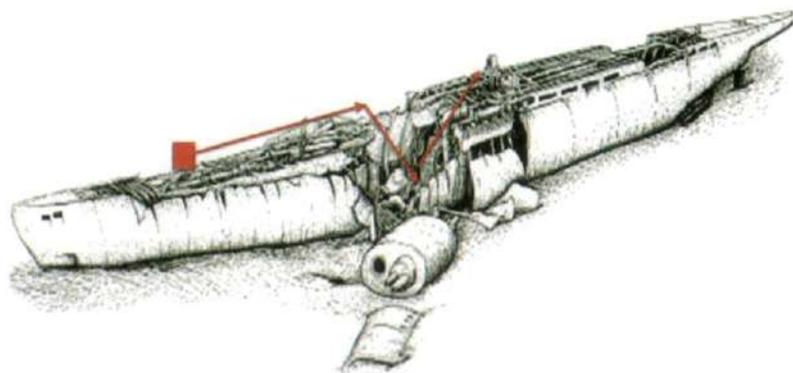


FALE COM A GENTE!

Você quer dar sugestões, tirar dúvidas, fazer comentários ou participar das seções da Deco Stop? Entre em contato conosco.

Revista Deco Stop
Av. Barão Homem de Melo, 4386 - Sala 1301
Bairro Buritis - Belo Horizonte - Minas Gerais - BR
Email: revistadecostop@gmail.com
Para contato, não esqueça de colocar seu nome completo,

endereço com cidade e estado, telefone e data de nascimento. **Para assinar**, acesse o site www.decostop.com.br e clique em Assine já. O processo é rápido e fácil. Se você tem interesse em adquirir exemplares anteriores, acesse o link www.decostop.com.br/edicoes/index.shtml para conferir os exemplares em estoque e www.decostop.com.br/atrasados.shtml para adquiri-los ao preço do exemplar de capa atual. **Para anunciar** entre em contato via e-mail através do endereço: revistadecostop@gmail.com



EXPEDIÇÃO AO 60º ANIVERSÁRIO DO NAUFRÁGIO ANDREA DORIA

POR MARCELLO SALGADO, MARCO AURÉLIO CAVALLIERI E CARLOS AUGUSTO BANDEIRA



Na maioria dos livros de aventuras sobre escalada ao Monte Everest e ao K2 e histórias sobre mergulhos extremos ou travessias oceânicas à vela, sempre há uma menção de que a jornada é mais importante que o objetivo final. Para ser sincero, nunca tinha entendido esta frase em toda a sua intensidade. Ao longo destes dois anos de treinamento para mergulharmos no Andrea Doria e no U-869, tivemos a oportunidade de aprimorar a nossa técnica, o nosso preparo físico e a nossa força mental/psicológica para que pudéssemos ter segurança na prática de mergulho em naufrágio profundo. Neste caminho, conhecemos muitas pessoas importantes no que se refere à história do mergulho mundial, como John Chatterton e o Capt. Dan Crowell. Fizemos novos amigos: o Cmte Basílio, o grupo de mergulhadores técnicos do CT Paraíba e o Capt. Sharky. A amizade com os instrutores Stavros, Gaba, Romeu,

Miltinho, Paulo Lopes, com os mergulhadores do nosso Clube de Mergulho de Juiz de Fora e com o Catgut se fortaleceu, sem contar na confiança e cumplicidade entre os membros desta expedição. Literalmente, cada integrante da equipe confiava sua vida ao outro – “Brothres in arms” ou melhor “Brothers in dives”! Hoje consigo entender que a jornada é realmente mais importante que o objetivo final!

A Expedição para o 60º Aniversário de Naufrágio do Andrea Doria estava agendada para os dias 24, 25 e 26 de Julho. Embarcamos no aeroporto do Galeão rumo à Nova York no dia 22. Na mala muita motivação, mas muita ansiedade também, pois existem várias histórias fatais sobre este naufrágio e elas sempre estavam presentes em nossas conversas, por mais que tentássemos evitar!

O transatlântico Andrea Doria foi construído em 1951 no estaleiro italiano Ansaldo em Sestri, na cidade de Gênova, e fazia a rota Gênova – Nova Iorque. Com um comprimento

de 197 metros, boca de 27 e deslocamento de 29.083 toneladas, foi um dos mais luxuosos transatlânticos construídos, com acomodações para 1.241 passageiros e 575 tripulantes. Era decorado com várias obras de arte nas paredes dos restaurantes, bares e cabines. Seus utensílios de cozinha eram de prata e as porcelanas decoradas com desenhos fazendo menção ao navio e à Itália.

As 23:10 do dia 25 de julho de 1956, o Andrea Doria estava próximo de Nova Iorque sob um intenso nevoeiro e foi quando em seu sonar apareceu a imagem de outro navio. Como o sonar estava em uma escala diferente da habitual, quando o capitão começou a fazer as manobras para evitar a colisão já não havia mais tempo e o Stockholm, uma embarcação sueca com reforço em sua proa para quebrar gelo, colidiu a boreste do Andrea Doria. Em poucas horas, o Andrea Doria estava a 80 metros de profundidade nas águas geladas do Oceano Atlântico Norte. Houve aproximada-

mente 51 mortes durante o acidente. 46 do Andrea Doria e 5 do Stocholm.

Ao longo dos seus 60 anos de naufrágio, o Andrea Doria foi considerado como o "Monte Everest do Mergulho em Naufrágios" devido a sua profundidade que varia de 65 a 80 metros, temperatura da água de 5 °C, baixa visibilidade, em torno de 5 metros, e fortes correntezas, tanto na superfície como no leito do naufrágio. Estes desafios fizeram com que muitas expedições fossem realizadas tanto para exploração, quanto para recuperação de artefatos, principalmente as porcelanas (China, como são denominadas). A "China Fever" (Febre Chinesa/Porcelana) motivou muitos mergulhadores a fazerem mergulhos audaciosos, penetrações a compartimentos profundos a procura das porcelanas/Chinas. Muitos destes mergulhos foram no ar, o que aumenta a possibilidade de narcose nesta profundidade e dificulta as tomadas de decisões, acarretando a morte de muitos mergulhadores. Num total de 13 mergulhadores perderam suas vidas mergulhando no Andrea Doria, sendo que a última vítima fatal aconteceu em uma expedição em 2015.

Ao chegarmos ao Galeão, encontramos com um grupo de amigos que estavam embarcando para Bonaire e, como de costume, a empolgação era geral! Este ambiente descontraído nos ajudou a diminuir a tensão da viagem.

Chegamos a Nova York e pernoitamos em um hotel próximo ao aeroporto JFK. No dia seguinte o Capt. Sharky nos encontrou e seguimos para uma marina em Montwalk, 200 km ao norte de NY. Ao chegar na marina, fomos pegar as duplas e analisar os gases. Para os mergulhos no Doria, iríamos usar dupla de aço de 15L com trimix 17/40 e dois stages S80 com 32% e 80% para a descompressão. Após análise dos gases, levamos todo o equipamento e os cilindros para o Ol' Salty II. Um barco de pesca de atum de 65 pés. Não é um barco luxuoso, porém é bem sólido e funcional, com um bom deck de popa para se equipar e uma escada espinha de peixe para poder subir equipado e com os stages após o mergulho. Como de costume nos mergulhos no Atlântico Norte dos Estados Unidos, cada mergulhador é responsável por seu equipamento, suas duplas e seus stages. Portanto, esteja fisicamente pre-

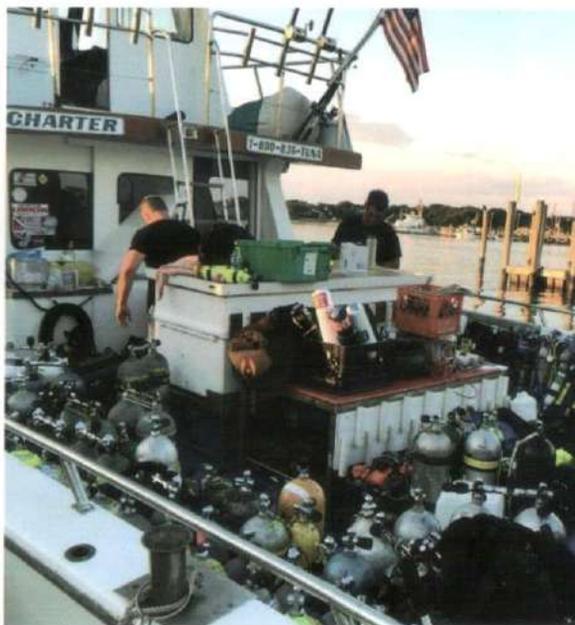
parado, pois tivemos que carregar o barco com as nossas 9 duplas e 18 S80 para stages. Existe uma frase clássica por aqui: "Don't touch my gear, thanks!" (Não toque no meu equipamento, obrigado!). Aos poucos foram chegando os outros mergulhadores. Ao todo éramos 17 mergulhadores (10 com rebreathers e 7 com circuito aberto) e 4 staffs. O local dos beliches na proa comportava apenas 13 passageiros, portanto, fazíamos rodízio dos beliches e muitas vezes as pessoas colocavam seus sacos de dormir na proa, na popa e no deck de mergulho.

Por volta das 22 horas o barco estava todo carregado com os cilindros, rebreathers e equipamentos individuais. Então, antes de partirmos, o Capt Nick Caruso chamou todos para o deck de mergulho e fez um briefing. Explicou como funciona a embarcação, procedimentos de emergência, a distância até o Doria (100 milhas náuticas) e os riscos deste mergulho. Lembrou das mortes e dos amigos que ele já perdeu neste naufrágio e que qualquer problema de mergulho que por ventura viesse a acontecer, a remoção seria pelo helicóptero da Guarda Costeira Americana, que já estava comunicada de expedição. O Capt Nick terminou seu briefing dizendo que éramos 21 pessoas a bordo do Ol' Salty II e que após os três dias de mergulho no Doria, ele pretendia voltar com as mesmas 21 pessoas à Montwalk. Todos se entreolharam. A tensão era muito grande no deck do Ol' Salty II!

A viagem estava estimada em 10 horas e por volta das 8 da manhã chegamos no Monte Everest do Mergulho em Naufrágio – O Andrea Doria! O Capt. Nick fundeou o Ol' Salty II ao naufrágio e o Capt. Sharky e o Brain foram para a água fixar o cabo de âncora. Após uma hora de mergulho eles voltaram e fizeram um briefing do mergulho: o cabo de âncora estava fixado ao naufrágio a uma profundidade de 62 metros. A temperatura da água estava por volta de 8°C e a visibilidade de 5 metros. Outro detalhe é que havia uma correnteza sobre o naufrágio, fazendo um movimento circular que empurrava os mergulhadores para o fundo e que pegou o Capt. Sharky de surpresa, fazendo-o se agarrar ao naufrágio. Ele voltou para o barco completamente sujo de ferrugem. O Capt Nick Caruso fez outro briefing sobre seguran-



▶ Equipe completa



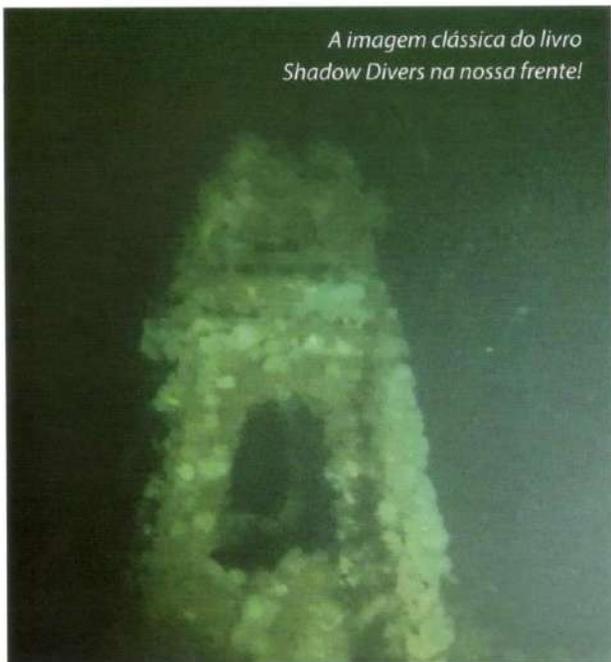
▶ Cada mergulhador é responsável por seu equipamento, suas duplas e seus stages



▶ Acima: Barco fundeado. Hora de conhecer o Doria! Abaixo: o Doria continua a soltar bolhas de óleo ao longo do tempo



*A imagem clássica do livro
Shadow Divers na nossa frente!*



No Deck superior do Doria!

ça, os eventos fatais que já haviam ocorridos no Doria e liberou os times para o mergulho. O clima era tenso, ninguém se equipou, todos estavam esperando alguma coisa, algum sinal, que ninguém sabia ao certo o que era!

Após o almoço resolvemos ir para água. Fomos apelidados de Team Brazil. Nos equipamos e definimos que iríamos fazer 20 minutos de fundo aos 65 metros e com Run Time de 70 minutos. Como seria nosso primeiro mergulho no Doria, resolvemos fazer um mergulho de aclimação e reconhecimento de onde estávamos. Ao caminharmos para a popa o Capt. Nick nos alertou que estava com uma correnteza de superfície de forte intensidade. Caímos na água e seguramos no cabo de popa. Para irmos na direção do cabo de âncora, tínhamos que passar para um cabo a boreste fixado aos 5 metros. Passei para o cabo e fui para o cabo de âncora, porém a correnteza pegou o Cláudio e o Marco. O Cláudio conseguiu se agarrar novamente ao cabo de popa e ir ao meu encontro, porém o Marco derivou.

Quando o Cláudio chegou ao meu encontro aos 10 metros para fazermos o check de bolhas, perguntei onde estava o Marco e ele não soube me responder. Abortamos o mergulho e voltamos para o barco para saber se o Marco estava nos esperando na popa do Ol' Salty II. Porém quando chegamos e perguntamos para o Capt. Rick se o Marco estava à bordo, todos estavam com um semblante de apavorados e procurando as bolhas do Marco por toda parte. Subimos a bordo, nos desequipamos e começamos a procurar as bolhas junto com a tripulação. O nível de tensão estava altíssimo, pois não víamos suas bolhas, não havia liberação

de Decomarker e não tínhamos a menor idéia para aonde a correnteza o tinha levado. Foram 30 minutos de muito estresse. Só aí que o bote salva vidas identificou as bolhas do Marco no cabo de âncora do Tenacious, outro barco de mergulho que estava ancorado próximo ao nosso. Alívio total!

A bordo, o Marco disse que quando a correnteza o pegou ele ficou aos 5 metros, pois como ele estava com TMX 17/40, ficou com receio de fazer muita força na superfície e apagar pela baixa concentração de oxigênio. Por isso ele ficou aos 5 metros para aumentar a PPO2 no cérebro e foi quando avistou um cabo de âncora e desceu a nossa procura. Ao chegar ao Andrea Doria ele não viu meu estrobo e nem a marcação da minha carretilha, então ele resolveu voltar, pagando todas as decos conforme a programação do seu computador. Ele fez seu primeiro mergulho solo no Andrea Doria!

Tínhamos programado fazer um mergulho por dia. Devido a este aborto, Cláudio e eu resolvemos fazer dois mergulhos no dia seguinte pois estávamos com o primeiro set de cilindros cheios.

Acordamos às 6 da manhã no segundo dia, tomamos café e fomos nos equipar. Claudio e eu seríamos o primeiro time a cair na água. Tudo organizado, fomos para o cabo de popa em direção ao cabo de âncora. A corrente era fraca e após 5 minutos, estávamos no costado de bombordo do Monte Everest do Mergulho em Naufrágio. Uma sensação de missão cumprida! Havia correnteza de forte intensidade sobre o naufrágio, nos empurrando para o fundo, como alertou o Capt. Sharky. Fixamos nosso estrobo e abrimos carretilha para navegarmos no

sentido da proa. Navegamos entre o costado e deck superior, mantendo esta relação como segurança da anatomia do naufrágio para retornarmos ao cabo de âncora. Após 20 minutos de fundo a 65 metros, retornamos para o cabo de âncora e começamos a nossa descompressão. Durante a deco havia um pouco de correnteza e andulação, porém o John Line resolveu este problema. E cumprimos o programa com conforto e segurança.

Como estava programado fazermos dois mergulhos neste dia, fomos nos hidratar e descansar. Analisamos o filme do mergulho e decidimos ir um pouco mais à frente, porém sem penetrações. As 15 horas havia uma pequena correnteza de superfície e o Capt. Nick liberou o mergulho. Nos equipamos e fomos para a água. Desta vez o Team Brazil estava completo (Marcello, Marco e Cláudio). Realmente a intensidade da correnteza era mínima e em 5 minutos estávamos novamente no costado do Andrea Doria. Como de costume, fixamos o estrobo e a carretilha e navegamos no sentido da fenda, indo na direção de um corredor das cabines da segunda classe. Observamos que ela se estendia para o fundo e abria um outro corredor com algumas passagens. Retornamos ao cabo da âncora e ficamos 35 minutos na descompressão. Ao chegar no barco, o Cláudio estava todo sujo de óleo, pois o Doria continua a soltar bolhas de óleo ao longo do tempo, o que faz muitos mergulhadores acreditarem que ele ainda está vivo! A sujeira toda que o Cláudio fez no deck de mergulho do Ol' Salty II lhe garantiu o apelido de Cel. Slick!

Noite do dia 25 de julho, houve um momento festivo, com cerveja e distribuição das

Aberturas das cabines da segunda classe no Deck Superior



► Suporte da metralhadora do U-869

camisas comemorativas do 60º Aniversário de Naufrágio do Andrea Doria. Um excelente momento de descontração e motivação para os próximos mergulhos. Tivemos a oportunidade de analisarmos os vídeos e a planta baixa do naufrágio para definirmos a missão do último mergulho no Doria juntamente com um Staff da tripulação, o Bart Malone, que nesta expedição estava completando 181 mergulhos no Andrea Doria. Ele nos deu muitas dicas e ficou satisfeito com o perfil de mergulho e o modelo de “penetrações progressivas” que estávamos fazendo dia a dia. Estávamos indo dormir, quando começou uma gritaria no deck de mergulho. Todos foram ver o que se tratava e de repente surge uma silueta à boreste de um tubarão azul (Blue Shark) muito comum nesta região. Após esse alvoroço, fomos para os beliches, pois o dia seguinte seria o último mergulho e a programação era iniciar a operação por volta das 6:30 da manhã.

Como combinado, estávamos prontos às 6:30 da manhã e fomos o segundo time a entrar na água. A correnteza na superfície era mínima, porém no fundo havia uma correnteza de forte intensidade que me fez agarrar no naufrágio para não ir para o fundo. Neste momento, minha luva seca furou e como a água estava a 7°C, pude sentir minha mão “congelar”. A visibilidade era de 5 metros. A missão deste mergulho era irmos até o corredor que tínhamos visto no dia anterior. Missão cumprida! É um corredor extenso, com muitas portas e janelas, que se perde de vista. Ao chegar no barco, desmontamos nossos equipamentos, comemoramos e pedimos a todos os participantes da operação para assinar a Bandeira Brasileira. Após todos

a bordo, houve um debriefing da operação e um minuto de silêncio em homenagem ao tripulante do Jonh Jack que faleceu neste naufrágio na expedição do ano passado. Após esta homenagem começamos a longa volta para a Montwalk. O mar estava calmo, com boas condições de navegação (10 nós) e para ajudar a passar tempo, apareceu uma espingarda calibre 12, mais de 100 cartuchos e um lançador de pratos. Foi a festa!

Chegamos na marina por volta das 20 horas e fomos ajudar a descarregar o barco. Esta faina durou até as 22h quando colocamos nossos equipamentos na caminhonete e partimos rumo à Nova Jersey. Chegamos no pier por volta das 2:30 da manhã e fomos direto para a cabine do Gypsy Blood, o barco que iria nos levar ao “Submarino Perdido de Hittler”: O U-869 (U-Who).

Durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais a Alemanha colocou no mar mais de 1.000 submarinos com o intuito de patrulhar e destruir qualquer navio inimigo que se aproximasse da Europa ou da África para abastecer os Aliados de alimentos, munições ou remédios. Estes submarinos eram conhecidos como Undersea Boats (U-Boats). A medida que a tecnologia dos U-Boats foi se aperfeiçoando, eles começaram a fazer investidas mais longas, chegando à América do Norte, Caribe e América do Sul. Estes submarinos, também conhecidos como Lobos de Aço, chegaram tão perto da costa dos Estados Unidos que era possível ouvir as músicas tocadas pela rádios locais e os faróis dos carros nas avenidas a beira mar.

Um dos grandes mistérios da Segunda Guerra Mundial foi a localização de um U-Boat

em 2 de Setembro de 1991, na costa de Nova Jersey. Durante mais de 7 anos, um grupo de mergulhadores experientes, tanto em mergulhos em naufrágios profundos quanto em mergulhos em caverna, tentaram esclarecer este mistério. Durante estes anos, este submarino foi apelidado de U-Who, tamanha a dificuldade de localizar peças que poderiam identificá-lo.

Segundo os relatos históricos americanos e alemães, não era para existir um U-boat naquela localização. Um prato com a suástica do 3º Heich datada de 1942, e uma faca entalhada o nome de um tripulante (Hurenburger), ambos recuperados por Jonh Chatterton, confirmaram ser um submarino alemão. Porém, o tripulante, supostamente dono da faca, era para estar em um U-Boat naufragado no Estreito de Gibraltar e não na costa leste americana.

Durante estes anos, alguns mergulhadores vieram a falecer tentando elucidar o nome do U-Who. Em 1997, durante um mergulho extremo, Jonh Chatterton e Richie Koler penetraram na casa de máquinas elétricas e conseguiram localizar uma bateria que continha uma plaqueta de identificação: U-869. Um dos mistérios da Segunda Grande Guerra estava solucionado! Estes feitos estão registrados no livro *Shadow Divers* (Mergulho na escuridão).

Acordamos com calma e tivemos o dia de folga para lavar, verificar os equipamentos, reorganizar a operação e o perfil do mergulho. As 14 horas chegaram as duplas com os stages para o mergulho no U-869. Analisamos todos os gases e definimos nosso planejamento de mergulho: TMX 17/40; S80 com 32% e S80 com 80%; 25 minutos de fundo; 65 metros; RT 90min; GF 30/75.



▶ *Brasil conquista o Everest do mergulho em naufrágios*



▶ *Team Brazil. Abaixo: No deck do Gypsy Blood a concretização de um sonho!*



Tudo organizado! Fomos dormir, pois o barco partiria às 3 da manhã e teríamos uma navegação de quatro horas, em uma velocidade de 18 a 20 nós. O mar estava como um espelho, calmo e sem ondulações, com boas condições de navegação, sol e pouco vento. Como combinado, chegamos no ponto do U-869 às 7 da manhã. O Capt. Jim marcou o ponto com a garatêia e o Capt. Sharky desceu para fixar o cabo de âncora ao U-Boat.

Ao retornar do mergulho, o Capt. Sharky fez um briefing do mergulho: as condições de mergulho estavam ótimas, com pouca corrente na superfície e no fundo, visibilidade de 7 a 10 metros e temperatura da água por volta de 5°C. Os primeiros mergulhadores se equiparam e foram para a água. Em seguida foi o Team Brazil. Nos equipamos, fomos para a água e começamos a nossa descida. Após 4 minutos estávamos tocando em umas das grandes histórias da II Guerra Mundial! Como de costume, fixamos o estrobo no cabo de âncora, abrimos carretilha e fomos navegando no sentido da popa. Passamos pelo costado de boreste e voltamos para o convés. Após alguns metros, observamos a torre de vigia desmantelada, com muitos destroços. Continuamos nossa navegação no sentido da popa e observamos o suporte da metradora antiaérea. A imagem que vemos no livro *Shadow Divers* (Mergulho

na Escuridão) estava na nossa frente! Inesquecível. Após 25 minutos de fundo estávamos novamente no cabo da âncora e iniciamos a nossa descompressão. Por sorte, neste dia não havia corrente durante a deco, o que favoreceu a descompressão, e por volta dos 20 metros, a água estava mais quente, 15°C. Após 65 minutos de descompressão chegamos na popa do Gypsy Blood, emocionados e com um belo sorriso no rosto. Após 2 anos de dedicação e muito treinamento conseguimos realizar nosso objetivo: mergulhar no Andrea Doria e no U-869 (U-Who).

Quando idealizamos o Projeto Andrea Doria em Julho de 2014 era um sonho distante e sabíamos que dependeria de muita dedicação, apoio dos familiares e dos amigos de mergulho. Do ponto de vista técnico, fizemos 78 mergulhos techs ao longo deste dois anos, sendo que 57 destes mergulhos foram abaixo dos 50 metros, alguns no ar e outros com trimix. Houve um treinamento psicológico e de gerenciamento de riscos para que pudéssemos estar melhor preparados para as tomadas de decisão sob estresse. A parte física também foi aperfeiçoada, com foco no condicionamento cardiovascular e no ganho de força para conseguir suportar as fortes correntes e a temperatura baixa comuns nestes mergulhos e assim conseguir ter menor consumo de ar. O condicio-

namento físico também foi primordial na faina dos equipamentos e a subir a escada de popa com todos os cilindros sem que tivéssemos lesões musculares. Do ponto de vista financeiro, foi uma expedição de alto custo.

Não podemos esquecer dos nossos familiares (Izabela e Luiza; Cida; Marah), amigos e todos que estavam torcendo para que esta expedição desse certo. Obrigado! Ao longo desta jornada, nasceu a minha filha: Luiza. O sentimento de ir para o Andrea Doria e lembrar que ela, de apenas 3 meses estava no Brasil, nos faz levar os ensinamentos e os treinamentos à 110%. Um grande amigo, o Stavros, sempre diz que a maior missão de todos os mergulhadores techs é voltar vivo de um mergulho! Nesta expedição tive a oportunidade de entender e vivenciar este ensinamento! E claro, me diverti muito também!

Quando fizemos o treinamento com Jonh Chatterton em 2015 ele disse que apesar do tempo de treinamento, valores gastos com viagens, gases e os riscos envolvendo este mergulho, o Andrea Doria é altamente viciante, por isso ele se torna tão perigoso! Mais uma vez o Chatterton estava certo! O Andrea Doria não é um naufrágio para se conhecer, é um naufrágio para se frequentar! A próxima expedição para o Monte Everest dos Mergulhos em Naufrágios, o Andrea Doria, já está sendo organizada!